

## NOTAS POLITICAS

**Ainda a falada renuncia do Chefe do Estado. Nem o governo nem o pessoal do palacio de Belem estão informados a este respeito... Afinal, trata-se duma especulação! As eleições. Outras notas**

Continuaram hoje os jornais a referir-se, nos mais alarmantes termos, ao boato e que o sr. Presidente da Republica estava na disposição de apresentar o seu pedido de renuncia. Todavia, nos meios officiaes não ha ainda a mais ligeira confirmação deste boato, cuja importancia real temo encarecido justamente.

Esta falta de confirmação é sintomatica, e justifica plenamente as nossas impressões acerca do caso. Ha quem tenha a estulta pretensão de pôr o Chefe do Estado em face da meia duzia de odios e de despeitos que o alvejaram, fazendo simultaneamente apagar em sua volta as dedicações que quasi geralmente o protegem, á sombra larga da Constituição, que ele tem querido sempre e com acerto defender.

Foi para a Guarda, por cujo circulo se propõe a deputado, o sr. dr. Vasco Borgees, ministro dos Estrangeiros.

O tenente-coronel sr. Mascarenhas, novo ministro da Guerra, deve ter tido hoje, á sua partida do Porto, uma despedida affectuosissima por parte de toda a officialidade da guarnição daquela cidade, que assim quiz expressar-lhe, duma forma clara, a sua adesão.

Sabemos que o Partido Radical está na disposição, definitivamente, de disputar as minorias por Lisboa, tendo-nos ontem garantido um dos seus principais elementos que contam vencê-las nos dois circulos da capital.

Nem outra coisa, mesmo, tem o sr. dr. Lopes de Oliveira pelo general sr. Gomes da Costa, devendo aquele ser proposto por Vizet, onde conta muitas simpatias.

Tambem por Setubal creem os radicais ganhar facilmente as minorias, devendo triunfar o seu candidato, dr. Orlando Marçal, dos muitos candidatos que em nome doutras facções partidarias por ali se apresentam ao suffragio.

No Porto fizeram os radicais um accordo com os democraticos para a disputa das maiorias, apresentando nesta lista os nomes dos srs. Veiga Simões e Americo Cardoso.

Nos meios radicais tem-se a impressão de que o novo partido iniciará galhardamente o seu baptismo eleitoral, contando com valiosas adesões.

Já depois de escritas estas notas, informam-nos, pelo telefone, de que mesmo no palacio de Belem nada consta sobre a falada renuncia do Chefe do Estado.

E' claro. Nascida nas alforjas, esta noticia alarmante não tem poder sufficiente para subir tão alto. Ha de morrer tão miseravelmente como nasceu...

Folgamos em dar mais esta nota, que mais vem confirmar a nossa descrença absoluta no pedido de renuncia. O sr. Presidente da Republica está ainda doente, de facto, de modo que tem sido facil especular-se com a sua pessoa, que devia estar muito actua da vulgar especulação que se costuma fazer no nosso país com toda a gente.

Infelizmente, ha quem tenha interesses occultos de espalhar atoardas desta natureza e ha até quem viva só de lançar estas atoardas... que os factos mais tarde se encarregam simplesmente de desmentir.

Deixá-los lá...

### O CONFLITO Greco-Bulgaro

**A S. D. N. nomeou uma comissão de inquerito local aos incidentes**

PARIS, 30.—O Conselho da Sociedade das Nações nomeou uma comissão de inquerito ao conflito greco-bulgaro, a qual é constituída por dois civis, um sueco e um holandês, e por dois officiaes, um francez e um italiano.

O inquerito será realizado no proprio local e a comissão tem de reunir em Genebra, a 6 de novembro, a fim de elaborar o respectivo relatório, que será presente ao Conselho, para este então deliberar em definitivo.—(Lusitania)

### Major Sarmiento de Beires

**Regressou de Italia e França o heroiico piloto do "Patria"**

No «sud-express», regressou ontem da sua longa viagem por Italia e França, o illustre aviador major José Manuel Sarmiento de Beires.

O bravo piloto do «Patria», que naquelles paizes visitou os melhores campos de aviação e as maiores fabricas de material aeronautico, procedeu a um meticoloso estudo dos progressos da viação no estrangeiro, estudo que he servirá de base a futuros trabalhos que vai iniciar dentro em breve.

Teve occasião o distincto aviador, durante a sua viagem, de constatar quanto apreciado foi no estrangeiro o «raid» português ao Extremo Oriente, que ele e Brito Pais com tanta gloria levaram a cabo. Sarmiento de Beires recebeu de muitos dos mais notaveis pilotos italianos e francezes os mais cordeais e entusiasticos cumprimentos.

Vem a proposito dizer-se que o relatório da viagem Lisboa-Macau deve ser publicado antes de Março do ano proximo.

### Transporte "Gil Eanes"

Chegou ontem a Dilly, o transporte de guerra «Gil Eanes»

### Aero-Club de Portugal

Sob a presidencia do illustre aviador major sr. Cifka Duarte, reunie esta tarde, ás 17 horas, a comissão tecnica de aeronautica, que tratará de diversos assuntos, entre os quais, o Circuito Sul de Portugal.

Tambem a comissão da Revista de Aeronautica, órgão do Aero Club, que, como noticiámos, reaparece no proximo mez, dará conta dos trabalhos realisaes e do estado em que se encontra esta interessante publicação.

### Os franceses na Syria

**A coluna do general Gamelin está cercada pelos drusos**

PARIS, 30.—Noticias da Syria anunciam que os drusos cercaram no deserto a columna do general Gamelin, constituída por 3 regimentos de infantaria e forcas de cavallaria e artilharia.—(Lusitania)

### Dr. Antonio José de Almeida

O illustre republicano sr. dr. Antonio José de Almeida, apesar da fadiga da viagem de Bordéus a Lisboa, continua mantendo as melhoras ultimamente experimentadas.

Durante o dia de hoje foram a casa de s. ex.ª muitas pessoas de todas as categorias sociais a fim de apresentarem-lhe cumprimentos.

### A nova biblioteca de Santarem

**Acha-se em via de conclusão**

Estão quasi concluídas as obras de adaptação do palaceté Braancamp em Santarem, legado a esta cidade pelo falecido e illustre genealogista sr. dr. Anselmo Braancamp Freire, assim como todos seus preciosos livros, manuscritos e estampas, para constituírem uma biblioteca.

A viuvia do notavel escritor tem sido incansavel em auxiliar a realisação do legado.

## ONTEM E HOJE

### O Caçoila -- Leão com apparencia de jumento Um cordeiro transformado em tigre

Havia em Braga um taberneiro conhecido pela alcumha de Caçoila. Era um homem baixo, de largos ombros, cachão tauro, braços herculeos e dois matações hirsutos no carão de largos maxillares.

Apesar da sua construção fortissima e rude, tinha um ar todo amaneirado, de falinhas mansas, pronto sempre a fazer cortezias aos fregueses, que lhe enchiam a loja e lhe despejavam as pipas.

Era raro o dia em que o vinho não produzia altercações mais ou menos violentas entre a freguesia, as quais, por varias vezes, passavam do argumento oratorio ao argumento corporal.

Sempre que se esboçava conflito de pancadaria, o Caçoila, com uma prudencia que semelha-va um medo invencível, largava o balcão e recolhia-se, encolhido, para dentro de casa, reaparecendo só depois de liquidado o motim.

Um dia, dois dos mais desordeiros frequentadores da taberna combinaram ver o que dava o Caçoila.

Não era admissivel tamanha cobardia em areaboço de fais proporções.

Prepararam uma zanga ficticia e, quando o Caçoila, na forma do costume, se esgueirava para o interior da casa, um deles assentou-lhe no avallado lombo uma bengalada puxada á sustancia.

O Caçoila estacou; arregalou os olhos e abriu a boca num esgar de pasmo... Correu á porta da rua e fechou-a á chave. Pegou numa canga de bois que encontrou á mão e foi um verdadeiro dia de juizo final. Deslombou os dois desordeiros e outros fregueses que estavam na taberna, quebrou todos os vidros e joças das prateleiras, desancou a propria familia e foi necessario que, aos gritos das victimas, a policia arrombasse a porta e conseguisse prendê-lo, para acabar aquele tufo de furiosa pancadaria.

Para o levarem á esquadra, teve de ser amarrado a uma prancha de madeira e, ainda assim, conseguiu, pelo caminho, dar uma dentada no braço dum policia.

Durante muito tempo, em Braga, quando se queria significar

um empreendimento arriscado, empregava-se a frase consagrada na gíria local: «Vamos a ver o que dá o Caçoila».

Presenciei em Viana do Castelo um caso semelhante, ha mais de trinta anos.

Eramos três amigos. Jantámos no hotel e, á saide, agregou-se a nós um rapazola da terra.

Perencia a uma familia distinta, mas tinha uma figura canhestra e ridicula.

Dirigimo-nos a um café. Logo que entramos, levantou-se duma das mesas um rapaz em attitude de furia contra o nosso eventual companheiro.

Este, surpreendido pelo assalto inesperado e furibundo, fugiu, desviado, pelo corredor do café, que tinha ao fundo a cosinha, onde entrou e fechou a porta.

Mas o outro, que lhe foi no encalço, não lhe deu tempo a servir-se da fechadura e atirou-se contra a porta como um desesperado.

Durante um ou dois minutos, foi um concurso de força entre os dois, um empurrando de dentro, outro de fora.

O de fora parecia mais forte, porque a fragil barreira principiava a ceder.

E já nós previamos a entrada triunfal do atacante no baluarte da cosinha, quando, de subito, se abriu a porta e de dentro começaram a chover panelas, tachos, talheres e, por fim, surgiu, desgrenhado e tetrico, o nosso companheiro, brandindo uma vassoura sobre o adversario, que, em face daquela descarga furiosa, criou azas nos pés e fugiu como um louco, não tornando a ser visto.

O nosso homem, accossado pela perspectiva de um fatal deslombamento na cosinha, transformara-se de cordeiro em tigre. A vassoura, brandida daquela forma, tornara-se terrivel como a clava de Hercules.

O genio das pessoas, que, ás vezes, parece inofensiva areia preta, pode, afinal, ser polvora. Só é possível conhecê-lo bem quando se lhe chega o fogo.

D. Alberto Bramão.

### ESTA MANHÃ...

Castilho foi um romantico ou um classico?

Ainda ontem vi posta esta questio numa revista literaria brasileira.

Ainda não resolvi arrogar-me autoridade de critico de letras—e isto faz-se (e qualquer o faz) quando se quer — mas atrevo-me, em contrario da opinião talentosamente defendida pelo autor do artigo a que me refiro, a dizer que Castilho foi acidentalmente um romantico como Camilo foi acidentalmente um realista.

Herculano e Garrett, a quem os nossos mestres compararam Castilho, pela circumstancia de terem emigrado, aceitaram facilmente a renovação romantica; mas Castilho — não será isto? — tinha na sua erudição classica um fundo de resistencia que se fez sentir sempre em toda a sua obra, fazendo do autor mais um classico do que um romantico.

Castilho foi romantico — e é sua, até, a confissão — por curiosidade; porque, na verdade, a sua influencia foi principalmente de correcção á desvários salamicos e ultra-romanticos.

Não é este um assunto para discutir em linhas e muito menos por quem, como me aconteceu, é carregado de autoridade e de preparo para um largo cometimento; mas, como ter uma opinião, sem iactancia, não fica mal a

## Mais uma vez "A Noticia" nos acusa...

Agora "somos ignorantes" e "devemos cumprir o nosso dever"...

No Rio de Janeiro existiam dois jornais que tinham perante Portugal e os portuguezes, uma posição diferente da dos outros jornais o-rioccos: — «A Rua», de franco combate a tudo que levasse a nossa chancela; e «A Noticia», de combate discreto, surgindo a ponta da espada com cocaina...

Da existencia de «A Rua» já nã da sabemos; mas o mesmo não acontece com «A Noticia»... De quando em quando temos o prazer de a receber, impressa em papel côr de rosa, papel ingenuo e amoroso, para que as palavras sejam menos asperas...

Quem nol-a remete? A administração? Não. «A Tarde» não permuta com «A Noticia». E' um personagem misterioso que nos envia aquele jornal, sempre que ele publica qualquer coisa de desagradavel aos portuguezes.

Esta remessa de «A Noticia», tracejada sempre a lapis azul, dá-se desde que aquele colega carioca supoz que os artigos que «A Tarde» aqui publicou sobre a politica e o movimento revolucionario do Brasil, eram artigos contra os brasileiros.

Desde então «A Noticia» não perdêa a «A Tarde», que certamente tambem lhe é remetida de cá por um personagem misterioso...

Quando aqui falámos da deportação de 70 compatriotas nossos para o Oyapoca, nenhum jornal se empenhou tanto em negar esse facto, negando até as afirmações feitas no Congresso brasileiro como «A Noticia».

Quando da ida da Tuna Academica ao Brasil, «A Noticia» só não se imprimiu em papel negro, despresando o seu amoroso papel côr de rosa, porque de papel de luto não ha formato maior do que aquele que é usado em cartas.

Contudo, teve artes de descobrir entre os jornalistas que acompanhavam a Tuna, um redactor de «A Tarde», apontando-o jesuiticamente ao odio dos brasileiros, quando é certo que nenhum redactor de «A Tarde» foi com os estudantes ao Brasil...

Enfim, foi um erro do officio... A ultima noticia, porém, de «A Noticia», viza um novo aspecto — á da nossa ignorancia sobre a literatura brasileira.

A proposito dum apelo feito pelo dr. Manuel Sousa Pinto a autores e editores brasileiros, o jornal côr de rosa dá-nos algumas facadas — collocando sempre na lamina, como é seu costume, estes anestesticos: «o glorioso Portugal», «a nação amiga» e outros logares comuns.

Diz «A Noticia» do dia 3 do mez de Outubro:

«O illustre professor da cadeira de estudos brasileiros da Faculdade de Letras de Lisboa, dr. Manuel de Sousa Pinto, lançou um apelo ancioso aos nossos autores e editores, para que mandem livros para a biblioteca daquela Faculdade.

«Tornar conhecida uma literatura — diz ele — é o mesmo que abrir e alargar mercados; não é só uma questão moral e intelectual, mas economica, pratica, que interessa uma grande e prospera industria. E lembrando que tudo o que se tem feito pela cadeira deve-se apenas ao governo portuguez, lamenta que o governo brasileiro não tenha procurado secundar essa obra que tão directamente interessa a este país».

Sem o menor vislumbre de ironia e sem nenhuma intenção de insulto: não lhes parece que as coisas assim é que estão bem? E que aos portuguezes é que interessa, sob todos os pontos de vista, conhecer-nos melhor, e atentar profundamente na nossa grandeza, e prestar-nos a mais acurada atenção?

Há muito que se trocaram os papeis entre Portugal e Brasil. Nós caminhamos, de um presente relativamente desabafado para um futuro de incalculavel esplendor. E se temos propaganda a fazer, e dinheiro a gastar em propaganda, não será, por certo,

no país que fala a mesma lingua nossa, e que, por nos haver descoberto, povoado, dado o ser, tem, como nenhum outro, a estricta obrigação de saber o que somos.

Ora, é o próprio sr. Manuel de Sousa Pinto que nos vem afirmando que de nós Portugal ignora tudo. De nossa literatura, conhece ultimamente Bilac, e conhece agora Catullo Cearense. E foi preciso, pasmai, senhores! que Margarida Lopes de Almeida, fosse a Lisboa declamar poemas, de Fagundes Varela, para que lá ficassem sabendo da existencia do grande poeta do seculo passado!

E' absolutamente incompreensivel este facto. A metropole hoje tem de olhar-nos com respeito e carinho — pois que para nós Portugal representa apenas o passado historico, e o Brasil é para Portugal todo um futuro, — não levamos a este ponto o desprezo pelo espirito portuguez...

A seguir «A Noticia» afirma que os brasileiros «conhecem profundamente todos os nossos grandes escriptores e poetas» e cita cinco apenas!

Depois de varias considerações sem interesse de maior, prossegue:

«Não é contra nós que falam o desinteresse e a ignorancia dos portuguezes a nosso respeito. Nós temos uma literatura, senão maior, pelo menos digna da sua. Os grandes vultos literarios do segundo imperio deixaram obras que honrariam qualquer povo. E o surto em que vamos actualmente é dos mais promissores. A geração actual é de uma riqueza maravilhosa. Contam-se nela pensadores, criticos e poetas em que se manifesta a força nova do continente prodigioso, o fremido da alma adolescente de povos que vão crescendo para conquistas inéditas no mundo.

Se Portugal nos ignora, não é porque o justificamos. Será por falta de curiosidade intelectual, por falta de aguda compreensão dos seus próprios mais profundos interesses. O Brasil significa a possibilidade de Portugal prolongar-se transfiguradamente no futuro. Significa a expansão da lingua que é a sua, e que, confinada entre os muros do lindo jardim á beira-mar plantador viria a perder fatalmente os ultimos reflexos de universal prestigio. Significa a continuidade, pelo unico meio possivel, de uma tradição gloriosa, que, sem elle, de todo se apagaria em futuro não remoto.

Quanto a nós, precisamos, de facto, abrir e alargar mercados, mas nos paizes que nos oferecem compensadoras perspectivas. Urge que pensemos, mais seriamente do que temos feito, no grande publico dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra. Já não estamos de mãos vazias, e podemos apresentar-nos diante do mundo.

Que nos perdê o nosso illustre patriota, dr. Manuel de Sousa Pinto. Conhecendo os espiritos mais representativos de Portugal, como conhecemos, cumprimos o nosso dever.

A Portugal, cabe cumprir o seu.

Há de facto, algo de verdadeiro, naquelle artigo de «A Noticia». O grande publico portuguez, ao contrario do que sucede com o grande publico do Brasil, a respeito dos nossos literatos, não conhece os escriptores brasileiros.

Mas se os não conhece o grande publico, isso não é culpa nossa, mas sim dos brasileiros, que, procedendo sob o ponto de vista que defende «A Noticia» se esquecem de remeter suas obras para Portugal.

E' facil numa livraria portuguesa encontrar-se obras de todos os paizes europeus — só do Brasil, que escreve no mesmo idioma, não ha outras obras, além das de Coelho Neto, e estas por serem editadas em Portugal.

Que culpa têm os portuguezes que os editores brasileiros não

E. O.